



## **A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: UMA EXPERIÊNCIA VISUAL CONTEXTUALIZADORA.**

Erika Jane Ribeiro<sup>1</sup> - UNEB  
Heitor de Santana Rodrigues<sup>2</sup> - UNIVASF

Pesquisa em Arte e Educação Contextualizadora: desafios e possibilidades

### **RESUMO:**

Este relato apresenta uma experiência contextualizadora, realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola pública, em Petrolina, com o escopo de fomentar o respeito à diversidade e pluralidade de identidades, por meio da fotografia.

### **PALAVRAS – CHAVE:**

Diversidade; Fotografia; Contextualização; Arte/Educação;

### **CONTEXTUALIZAÇÕES INICIAIS**

As Artes, em sua pluralidade, permeiam as relações humanas e as construções sociais, porém, no campo educacional, seu uso ainda é bastante restrito a um conjunto de atividades mecânicas e primárias, como o decalque, a coloração, a ampliação de imagens, por exemplo. Essas práticas acontecem ainda de modo descontextualizado, visto que não consideram as múltiplas manifestações culturais, nem os saberes dos alunos, valendo-se de modelos ou expressões padronizadas.

É fundamental que as práticas escolares propiciem atividades de construção de visualidades juvenis, considerando a pluralidade étnica, de gênero, religiosa, social, desses sujeitos, a fim de combater os preconceitos e estereótipos nascidas a partir da imposição de imagens que atendem a um padrão único, em geral, descontextualizado e excludente. Como afirma Anna Mae Barbosa (2011), “Tanto em educação como em arte, pluralizar é preciso, se pensamos dialeticamente e operamos multiculturalmente” (p.293).

Nesse sentido, estabelecer ações educacionais socialmente engajadas, que possam estabelecer intersecções com as artes, em suas variadas linguagens, é tarefa fundamental para a construção de uma prática educacional contextualizada e, de fato, significativa. Foi nessa perspectiva interacionista, visando práticas de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA – UNEB. Professora de Língua Portuguesa e Artes da rede estadual de Pernambuco. Coordenadora do Projeto Sarau [DI]Versos e do coletivo poético Vozes –Mulheres:além das margens. erikabrit@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduando em Engenharia Civil – UNIVASF. Fotógrafo profissional, membro do grupo Jornadas Fotográficas, desenvolveu o projeto fotográfico Pirlampos da Caatinga em Uauá- BA.

letramentos mais interligadas às linguagens artísticas e literárias, cujo objetivo principal era fomentar o respeito à diversidade, com ênfase no enfrentamento às desigualdades de gênero e étnicas, que se deu a oficina “*Fotografia como expressão da diversidade*”, com jovens estudantes do Ensino Médio, dentro da programação do Projeto “Sarau [DI]Versos – vozes livres”, um projeto que mescla letramento literário, diversidade e Artes, na EREM Clementino Coelho, em Petrolina – PE.

A oficina foi organizada em três etapas: *i)* discussão sobre diversidade a partir de imagens fotográficas; *ii)* instrução e orientação de captação de imagens, atendendo a princípios básicos da fotografia e *iii)* saída fotográfica para a produção de imagens representativas da diversidade, no espaço escolar. Assim, buscando problematizar e propiciar situações de vivência com a diversidade que também fomentasse a produção artística, sobretudo no campo das Artes Visuais, a oficina “*Fotografia como expressão da diversidade*” foi desenvolvida, numa perspectiva contextualizada e interdisciplinar que propiciasse o contato dos alunos participantes com a técnica fotográfica mais elementar, através de análise e da retratação de si mesmos e das múltiplas identidades, dentro do universo escolar onde estavam inseridos.

O desenvolvimento da oficina, objeto desse relato, apoiou-se na abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais, defendida por Anna Mae Barbosa, que prevê a relação entre leitura, criação e contextualização da obra de arte, visto que os alunos participantes tiveram contato direto com a arte fotográfica, a partir de um diálogo teórico e de um fazer artístico com a produção prática nos diversos ambientes da escola, através das câmeras dos próprios celulares ou com câmeras compactas, sem auxílio de programas de edição. Isso reforça a ideia de que a fotografia, também, pode ser um instrumento de construção e expressão da diversidade, convergindo com o pensamento de Canabarro ao afirmar que “a fotografia é um produto social e a sua construção revela as demandas de diferentes grupos sociais” (CANABARRO, 2005, p. 24).

Enquanto prática contextualizada e inclusiva, de fomento à diversidade e às múltiplas identidades, a oficina, aqui apresentada, coaduna com a concepção de Stuart Hall, ao tratar das variadas formas de culturas e de como elas nos representam, inclusive visualmente: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2001, p. 13).

## **FOTOGRAFIA E IDENTIDADE PLURAL**

A fotografia se apresenta como um importante símbolo da pluralidade, seja pela capacidade de múltipla representação sociocultural dos sujeitos e espaços ou pela variedade de interpretações e usos que ela suscita, tal qual afirmou Sebastião Salgado (2013), “Fotografia são símbolos. Ou você tem uma fotografia que ela sozinha conta a história sem legenda, sem nada, ou você não tem a fotografia”. Com base nessa concepção de pluralidade, a fotografia figura-se como uma valiosa ferramenta de expressão da identidade dos sujeitos envolvidos no processo de

construção da visualidade, por meio de práticas que busquem o respeito à diversidade e a livre expressão através da linguagem visual, no ambiente escolar.

Considerando-se a multiplicidade de interferências e informações que permeiam as imagens fotográficas, visto que além de produtos artísticos são também sociais, o uso da fotografia como ferramenta de captação e discussão da diversidade, no ambiente escolar, mostrou-se altamente eficaz, posto que através dela deu-se visibilidade às plurais identidades e vivências que compõem a escola. Sendo assim, a fotografia, enquanto manifestação artística, também pode ser instrumento de construção e expressão da diversidade.

A fotografia é provavelmente a mais acessível e gratificante de todas as formas de arte. Pode registrar faces ou fatos, ou simplesmente contar uma história. Pode chocar, divertir, instruir. Pode captar e provocar emoções, e registrar detalhes com precisão e velocidade (HEDGECOE, 2013, p. 07)

A utilização de imagens, representativas dos vários contextos em que a diversidade apresenta-se, durante o desenvolvimento da oficina, permitiu aos alunos compreenderem-se parte de uma sociedade multicultural. Desse modo, abre-se espaço para o crescimento cultural coletivo, aprofundando a experiência democrática e reduzindo a chance de intolerância, visto que o “respeito à diversidade cultural, social e sexual deve ser o primeiro passo para uma política inclusiva” (GOELLNER, 2010, p. 80).

No transcorrer da saída fotográfica, etapa posterior à apresentação teórica da oficina, percebeu-se que a criatividade e visão crítica, dos alunos, foram estimuladas, pois registraram, em seus equipamentos, pessoas, grupos ou símbolos que, para eles, representavam a diversidade étnica, religiosa, cultural e de gênero. As imagens capturadas foram socializadas e, em seguida, analisadas numa perspectiva de representação da diversidade, onde os alunos reconheceram a importância e o respeito que deve ser dado à expressão da pluralidade das identidades e pensamentos, não só no espaço escolar, como em toda sociedade, uma vez que expor a diversidade, seja através de foto ou qualquer outro meio, ainda é considerado como um tabu social que precisa ser confrontado. (FIORINI, 2017, p. 252).

As imagens produzidas pelos participantes, durante a saída fotográfica, representavam suas concepções individuais acerca da diversidade e refletiam, quase sempre, vivências, experiências de marginalização e/ou aceitação sociais, em torno de suas identidades, demonstrando por meio da construção imagética, um desejo de tolerância e de respeito às pluralidades. Isso também pôde ser evidenciado na avaliação final da oficina, onde os alunos manifestaram-se, livremente, sobre ela.

[...] Nem toda obra é escrita e toda fotografia carrega sua história, seja representando uma situação, seja passando sentimento, seja

mostrando quem é você, de certa forma ela revela a identidade e as características de cada um. Foi uma coisa maravilhosa, aprendi a fazer tanta da coisa, tanto em configuração quanto em como representar uma fotografia. (Daniel Lucas, aluno da 2ª série do Ensino Médio).

A imagem a seguir foi produzida por alunas participantes da oficina, durante a saída fotográfica, pelos espaços da escola e muito bem representa a afirmação dessas meninas, em torno de suas identidades, naquele contexto de relações interpessoais padronizadas e censuradas.



(Fotografia produzida por alunas da 2ª série do Ensino Médio)

Essa experiência de Arte/Educação demonstra parte dos desafios encontrados para se incluir temáticas artísticas e transversais em currículos escolares sistematizados de modo hegemônico, descontextualizado e impositivo, mas também evidencia o poder da resistência que a Arte carrega, oportunizando a livre expressão e autonomia dos alunos no processo de ensino/aprendizagem, bem como a inclusão de grupos, sabidamente, marginalizados, na sociedade. Daí a importância primordial de práticas educativas contextualizadas e socialmente engajadas, como defende Santos (2008) “O ato de tomar o que está próximo da experiência como ponto de partida não significa limitar-se a ele, ou seja, significa criar possibilidades de entendimento crítico de como os temas se descontextualizam e se re-contextualizam.” (SANTOS, 2008,p. 82)

Diante das reflexões e constatações aqui apresentadas, verifica-se que a Arte/Educação deve ser praticada, sempre, de modo inclusivo e contextualizado, não só com o espaço social, mas, sobretudo considerando-se a pluralidade de identidades e vivências dos sujeitos envolvidos no processo. É fundamental oportunizar a criação de visualidades, pelos alunos, que sejam, de fato, representativas de suas particularidades e não meras imagens hegemônicas e distantes.

A inter-relação da oficina, com outras atividades de criação artística e literária corroborou com a ampliação do debate acerca da necessidade de práticas interculturais, que fomentem o respeito à diversidade, a livre expressão por meio de diferentes linguagens e a construção e (re)afirmação da identidade desses jovens estudantes. Conceber a fotografia, também, como expressão artística é admitir o seu caráter plural e inclusivo, tendo em vista que promove a interação entre culturas e suas visualidades.

### REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Anna Mae T. B. *A cultura visual antes da cultura visual*. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.
- CANABARRO, Ivo. *Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações*. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, 2005.
- FIORINI, Bruno José. *Representação da diversidade na fotografia: ensaio (cor)po e gênero*. Revista sociais & humanas, vol. 30, nº 2, 2017.
- 'Fotografia são símbolos', diz Sebastião Salgado. Disponível em:<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/08/fotografia-sao-simbolos-disse-sebastiao-salgado-do-trabalho.html>. Acesso em: 27 mar.2018
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade*. Caderno de Formação RBCE. p. 71-83, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, Rio de Janeiro, 2001.
- HEDGECOE, John. *O novo manual da fotografia*. Trad. Assef Nagib e Alexandre Roberto de Carvalho. 4 ed. Editora Senac: São Paulo, 2013.
- SANTOS, Cosme Batista dos. (2008) *Letramento e Comunicação Intercultural: o ensino e a formação do alfabetizador no semiárido baiano*. In Edleise Mendes e Ana Lúcia Castro (orgs.). *Saberes em Português: o ensino e a formação do professor*. Campinas: Editora Pontes, 2008.